

As Ditaduras Latino - Americanas

Mais uma ditadura caiu na América Latina — a da Venezuela. Caem ditaduras com relativa frequência, mas, apesar disto, continua sendo a América Latina o continente das ditaduras. É que o próprio ato que as derriba, lança os fundamentos da ditadura seguinte. As ditaduras sucedem-se às ditaduras. Dir-se-ia ser esta a lei fatal do Continente.

A consideração superficial do fenômeno — superficial, mas que se crê profundo — atribui-lo-ia a causas de natureza inelutável. Por motivos de ordem étnica, histórica, mesológica, etc., a gente americana seria incapaz de governar-se democraticamente e estaria a trita ao caudilhismo, principalmente ao caudilhismo militar.

Sem negar a existência de vários fatores concorrentes, pois os fenômenos sociais, mais ainda que os biológicos, são sempre complexos, pode-se afirmar ser essencialmente política e dependente, portanto, da vontade dos homens, a causa do fenômeno. É o que sem dúvida nenhuma revela a análise. Se assim não fôsse, ter-se-ia de chegar à desoladora conclusão que os povos deste continente são incapazes de exercer a democracia e somente despoticamente se podem governar.

Deve-se admitir que, ao declararem a sua independência, nem todos os povos latino-americanos estavam preparados para a democracia. Exceção talvez única foi o Brasil, onde, como nos Estados Unidos, já se exercitava a democracia durante o período colonial e, com maioria de razão, enquanto ele foi reino unido a Portugal. Mas, como explicar que, decorridos quase dois séculos de vida independente sob o regime republicano, estes povos longe estejam ainda de poder praticar satisfatoriamente a democracia? Tratar-se-á de uma inferioridade orgânica e irremediável, que a mestiçagem determinaria?

Não há raças inferiores — está hoje demonstrado. Há raças mais ou menos cultivadas e todas têm potencialmente as mesmas aptidões. Nenhuma está condenada irremissivelmente ao despotismo, da mesma forma que nenhuma se lhe pôde subtrair em determinado período da sua existência. Trata-se de acidentes históricos.

Como explicar, assim, a fatalidade latino-americana? Não há nenhuma fatalidade. Tudo resulta de um erro generalizado e persistente: a imitação do sistema presidencial de governo, adotado pelos norte-americanos, ao se tornarem independentes. É um sistema errôneo e vicioso, que somente por causa dos excepcionais atributos do povo, não foi desastroso para os seus criadores. Ainda assim, não deixa de apresentar ali graves defeitos apontados por publicistas nacionais e estrangeiros, que fazem da norte-americana a mais corrupta das grandes democracias.

É que o presidencialismo, pelo menos do ponto de vista democrático, é um instrumento imperfeito e até contraditório. O que ele de facto institui é um governo pessoal e irresponsável, isto é, uma ditadura. Trata-se, por certo, de uma ditadura constitucional, de prazo legalmente, mas nem sempre efetivamente limitado. Nos Estados Unidos, a ditadura presidencial encontrou corretivos: a influência tutelar da Suprema Corte e, sobretudo, a democracia básica existente, já em cada uma das treze colônias, e que se manteve nos Estados federados por baixo da cúpula do presidencialismo nacional. Graças a tal con-

junto de fatores favoráveis, pôde até hoje preservar-se a democracia norte-americana. Em outras nações da América Latina, entretanto, nenhum destes fatores se verificou e o vicioso sistema manifestou livremente as suas virtualidades: sob meras formalidades democráticas, viceja realmente o caudilhismo.

Havia na América, e ainda hoje os há no planeta, povos que não estavam preparados para exercer a democracia. Mas, como se poderiam preparar para a exercer, senão exercendo-a? E como a poderiam exercer, senão utilizando um instrumento democrático? Na prática do governo pessoal e mais ou menos ditatorial, ninguém pode aprender democracia. Pois esse portanto pediram aos povos latino-americanos: deram-lhe um sistema pouco democrático, verdadeiramente anti-democrático, esperando que com ele chegassem a aprender democracia...

O resultado não poderia deixar de ser o que se está vendo: um continente talado pelo caudilhismo. Caudilhismo militar, em regra, porquê, ou é agora um militar que se faz caudilho, ou era antigamente um caudilho que, tomando a espada, se fazia militar.

Admitimos que assim seja — não de objetar-nos: houve erro grave na imitação do presidencialismo norte-americano. Como explicar, então, a persistência no erro? Há revoluções, há levantes, há golpes de Estado, caem governos, mas o regime permanece. Não é estranho isto? O erro, se o há, não deve ser dos mais videntes, apesar de reiterado por mais de século.

É possível, é provável que deste erro não se tenha geralmente consciência. Há de verificar-se nos demais países, o que em o nosso também se observa. Reconhece-se, em geral, que a coisa pública vai mal, mas atribui-se a causa aos homens, o que é mentalmente mais simples, e não ao sistema político, conclusão para chegar à qual muito mais complexa é a operação mental. Se assim se raciocina, geralmente, muito mais forte deve ser o raciocínio de parte dos que combatem a situação dominante. Os homens é que não servem. Substituam-se os homens, isto é, tomemos nós o lugar deles, e tudo melhorará. Assim são todos levados a pensar.

Pode, pois, haver boa fé, da parte de alguns, neste raciocínio simplista. Mas não tanto, como poderia parecer. De facto o que se procura é somente o poder. Os que já o têm, dele não se querem despartar. E os que não o têm, querem tê-lo, tal como é, uns simplesmente para o gozar, outros na esperança de com ele gozarem boas e belas cousas. Mas, ainda neste caso, a máquina do poder os colhe, os perverte e inutiliza. Acabam iguais aos outros, aos que combateram e substituíram. Por isto, ninguém cuida de modificar o desastroso sistema. ÔTE-TOI DE LÀ, POUR QUE JE M'Y METTE, é o seu lema.

Isto sucede nos países que outra experiência não têm, senão a presidencialista, e poderiam crer que não há melhor regime, porque outro não conhecem. Que diremos, então, de certo país que, por meio século praticou brilhantemente o sistema parlamentar e, já val por três quartos de século, se debate na desordem, cada vez mais grave e profunda, do presidencialismo? Os homens publicos deste país não têm desculpa da sua pertinácia no erro; mas a ambição do poder os cega. Resistem, por isto, à reforma necessária e procuram impedi-la, como fez o ministro da Guerra brandindo a sua espada. Hoje o Brasil, que entre as demais nações irmãs se destacava por ser verdadeiramente uma democracia, integrou-se no sistema político latino-americano.